

BRUNO MUNIZ

POESIA PARA VILLAREJOS



Sequestro termina em final feliz com fuga de sequestrado:

Havia um poema de amor, tranquilo, preso à fenda, de onde vinha um som baixinho do porão, e era como se fugisse do cativoiro a minha canção favorita.

Vende-se

duzentas reticências ameaçando os tímidos com seus poemas de amor.

Poeta nega dívida na Justiça:

"A poesia é mentira dita em cartório".

Escritor é acusado de estelionato:

Eu pagarei com versos, pois tão somente à cata de um poema existo, e um coração repousa igual no peito a todo mundo.

Homem passava-se por poeta para ganhar o auxílio-cultura:

Finjo o poema por mera usança de o fingir e alongo o fingimento e busco

outro florando, fingimento moço, e assim, quando eu não mais puder, um fingidor qualquer põe-se a fingir de mim.

Poeta é detido em flagrante e confessa:

"Furtei um verso de Drummond

e agora meu verso é tão bonito!

Feito a roupa que ganha cor no cesto dos palhaços".

Ouvindo vozes, poeta é levado ao Manicômio Municipal:

"Alguns sons me parecem ser do poema seguinte".

Homem é preso por atentado ao pudor ao andar nu pela Rua do Caminho Extremo e alega:

"Ando ao caos de ser feliz, na condição de réu".

ANÚNCIO

POESIA PARA VILAREJOS

BRUNO MUNIZ

Poeta é expulso da Academia Asseadense de Letras e recorre da decisão:

"Todo verso é sujo atrás da folha"

STF decide contra a Reforma Maderária:

"Pau-Brasil querendo verniz de primeira? Que respeite o artigo quinto da

Constituição: "Todos são iguais perante as Madeiras de Lei"

Escritor é flagrado com dinheiro falso e se defende:

"A boa poesia é moeda sem pátria"

POESIA PARA VILAREJOS

© 2024 Bruno Muniz; Senado

Capa e diagramação: Erika Albuquerque Penha

Capa original: Igum Djorge

Diagramação original: Camila Gabarrão

Revisão: Mariana Sanmartin de Mello

Muniz, Bruno.

Poesia para vilarejos / Bruno Muniz. — 2. ed. — Brasília : Senado Federal, 2024.

138 p. : gravs.

ISBN: 978-65-5676-490-0

1. Poesia, Brasil. 2. Literatura, Brasil. I. Título.

CDD B869.1

Ficha elaborada por Alessandra Marinho da Silva CRB-12102

2ª edição JUNHO DE 2024

Impressão SEGRAF

Papel de miolo COUCHÊ FOSCO 180G/M² E 230G/M²

Papel de capa COUCHÊ FOSCO 230G/M²

Tipografia BILO REGULAR / BUNGEE REGULAR

A arte está de mãos dadas com a diversidade, perpassa a humanidade sem escolher raça, credo, classe social ou qualquer ideologia. É algo do ser, enquanto humano. Nela não há limites, nem para criação, muito menos para interpretação. É criada, entendida e em seguida recriada num processo de retroalimentação constante. Arte gera arte, que gera arte, que gera arte...

Uma de suas maravilhas é a pluralidade de compreensões possíveis a partir de uma só obra. Cada observador enxergará algo diferente, por vezes inusitado e até oposto à ideia original do autor.

Cada um de nós experimentará sentimentos os mais diversos ao sermos apresentados a um mesmo poema, por exemplo. Traremos conosco as experiências vividas, traumas, medos, decepções, alegrias e conquistas. Se é verdade que com nossas atitudes somos capazes de mudar o mundo, também o é que somos em parte moldados e persuadidos pelo meio em que estamos inseridos.

Nessa simbiose, somos diferentes; pensamos diferente; pertencemos a realidades diferentes; vivenciamos, sofremos e reagimos diferente a circunstâncias de vida diferentes; sentimos diferente. Ao interpretar um poema, não poderia ser diferente.

Assim, é bem possível que, ao pedir para duas pessoas pintarem uma tela a partir de um poema com linda declaração de amor, uma desenhe um formoso jardim repleto de flores, borboletas e pássaros a cantar, ou uma bela paisagem bucólica como cenário para um casal apaixonado, enquanto a outra retrate a falsidade, a hipocrisia e o engano. Quem sabe por ter experimentado dolorosa decepção de um companheiro ou companheira que lhe desprezou, não sem antes lhe ter proferido as mais contagiantes, doces e meigas palavras de amor. Era tudo mentira.

Se o coração é terra em que ninguém anda, desconhecido é o sentimento que nele habita e imprevisível a arte que dele sai.

Se mesmo Cristo, com iluminadas palavras de amor e gratidão, conseguiu despertar ódio e rancor a ponto de ser crucificado, que esperamos, pois, de nossa arte? Que o espectador sinta e compreenda como nós? Pretensão demasiada!

A arte é livre e sua graciosidade reside nos mais variados sentimentos que pode despertar e na multiplicidade de outras artes as quais pode inspirar.

E você, leitor, após se deleitar com esses encantadores poemas, que quadro irá pintar?

Tenha uma ótima leitura!

Adolpho Bonavides

O que dizer da poesia de Bruno Muniz sem repetir o dito por outros apreciadores da sua escrita? Concordo plenamente que, sendo jovem, sua invenção poética é maturada e reveladora da versatilidade de um poeta compatível com a sua poesia. Da frutificação atemporal donde colhe, às pencas, frutos saborosos ao degustar do leitor. Sua poesia é um exercício, por excelência, prazeroso, de um artífice em eterna busca da perfeição. Sua criatividade quebra formas consagradas do sentir e inusita na composição e no arranjo acordado das ideias abstratas que resultam na concretude lúdica, ou não, desta magia chamada poesia. Faço uma síntese do acima expresso: gosto e me enrosco nesta poesia que atalha múltiplos caminhos do mar para aportar ou seguir todas as viagens impossíveis.

Manoel Bispo

Assim é a poesia desse tal de Bruno Muniz: energia limpa, colhida no âmago das riquezas atemporais de que se nutrem os ninhais das emoções. E como seriam os poetas desse assumido trabalhador sideral, vizinho do rio, das flores, das cidades e das pessoas, semeador do aguapé, tocador de passarinhos ou guardador de ternuras e feitiçarias contidas sob a casca polinizada das sementes. Nem tento imaginá-lo o mesmo poeta do antes ou do agora; imagino-o, sim, outro e outros poetas que surgirão do seu incansável rumo às estrelas e nascentes, no exercício lúdico ou sacrificante de ser poeta desde o sempre e que seja para a felicidade geral de seus entusiastas leitores.

Manoel Bispo

PARTE I:

A arte às vezes me constrange

- A obra-prima do poeta
- Lá vai o verso
- Quando voltas?
- O poema mal-agradecido (porque quem escolhe o título ainda é o poeta)
- Um dia ainda fujo
- Vuco-vuco
- Furtei um verso de Drummond
- Conselhos a um poema juvenil
- A Reforma Maderária
- Soneto ao sabor da quinta
- A desvairada
- A lua de dia
- Poema à bananeira
- O que tanto assuntava o poeta?
- Um fingidor qualquer
- Da inspiração
- Eu sei dizer poema o dia todo
- Poema afilado
- Poema xenófobo
- Poema arbóreo
- O tímido
- Sem questionamentos!
- Dois dedos de prosa
- O homem justo
- Tropeçava tão bem a poesia
- Desinspiração
- Poema igual
- É raro o dia de ter versos

PARTE 2:

Almae Poemius Floriata

- Convite
- As coisas de um poeta
- Lembrança
- Baixo-relevo
- Da Leveza
- Da alegria do poeta
- Mudança
- Epifania
- Um fingidor de rosas
- A luz que espanta
- Em caixa-alta
- Me basta um lugar pequeno
- O rastro dentro de mim
- De poeta pra poeta
- Almae Poemius Floriata
- Confesso que vivi
- Preciso ir

Carta aos leitores:

Queridos leitores, leitoras, leitores, leitorxs, leiteiros, letreiros, letristas...

Meu verso-desejoso vos dou por calmamente: tenho grande afinidade com os versos históricos, mas reajo por caricatura, abundoso de espírito, com o bom humor para que o leitor não corra do poema como o marrom das flores. Modifico a folha pra discordar de mim; se sei passar me pego de atropelo.

Enfim, sou apenas um homem que diz com as mãos, um poeta. Conto a luz que vi olhando a rua — mais precisamente o Mercado das Coisas Furtadas — e, por conta disso, posso ser sempre o mesmo e diferente. Então, do livro passado, mofino, em que os versos pisam a si mesmos, onde vê-se apenas o chão das paisagens, eu corro o pé como nunca viram antes (como se de capuz e bigodes) e pergunto ao pensamento que duvida:

— Por que tão triste?

E feito mágica a alegria a ter comigo vinha.

“Nhec Nhec!”

Ouçam! range a tábua em travessia os novos versos — Torto agrado! — e pisam de ouro no chão!, e nos poemas prolongam-se os jardins e os risos; nascem como junco os riscos de bordados no fundo das pupilas!; se espelham no palhaço os querubins que restam!

Viva!

A alegria a ter comigo ia!

— Pago um roseiral por cento de tristezas!

“Nhec Nhec!”

“CRASH!!”

Ocorre que trago cicatrizes ainda no rascunho...

“Esta semana eu percebi que não conhecia a poesia de nenhum poeta brasileiro contemporâneo, saí pelo Rio de Janeiro todo atrás de livrarias; comprei uns 15 livros (...)

(...) Não gostei de nenhum.”

Renato Russo

Ilustradores

Abmael @abmaelart
Adriane Freire @naniaraguari
Adriane Corrêa @adrianecorreart
Afrane Távora @tudonotodo
Aline Pacheco @aline__pacheco__
Aline Rabelo @line.r2
Artur Rodrigues @arturuart
Aynan Del Tetto @mrs.delart
Bárbara Damas @barbaradamas_art
Camila Oliveira @camiilaolivart_
Carla Antunes @_carla_antunes
Carliendell Magalhães @
carliendellaquarelas
Cremerson Rosa @cremersonn
Daniel Martins @ei_liber
Dekko Matos @dekkomatos
Derick Zaib @dz4ib_06
Eduarda Macedo @
eduardamaacedo_
Ernandes Melo facebook.com/
ernandes.melo.507
Gabriel Loureiro @gabriel_
loureiro_bastos
Gabriela Campelo @_campis_
Herivelto Maciel @herivelto.artes
Igum Djorge @igumdjorge_
storyboards
Ivam Amanajás @ivamamanajas
J. Márcio @carvalhojmarcio
Jeriel Luz @jerielluz
Josimar Barros @
josimarbarrossales
Letícia Oliveira @ln.azul
Lorena Brito @loris.ilustra
Luan Pedro Dias @
sereiacaranguejo
Manoel Do Vale @duvaleco
Marina Alcolumbre @
marinaalcolumbre_art
Maria Cecília Raulino Vales
Maria Isabel Castro @bebeucaz
Maria Eduarda Cristo @
dudadecristo_
Matheus Xavier @mathalves_xa
Ricardo Coutinho @
ricardopantojacout
Roberto Pereira @
robertovanderley
Ronaldo Rony @
ronaldoronycartum
Sílvia Marília @silviamariliartap
Tássia Malena @tassiamalena
Tom Dc Marques @
tomdcmarques
Val de Lícer @val_de_licer
Williamys Gabriel @willart_will
Willian Cruz @willcruz_1
Yan Amanajás @yanamanajas

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2024

PARTE 1

A arte às vezes me constrange



delant

A OBRA-PRIMA DO POETA

O poeta ia andando, examinando atentamente a poeira que lhe cobria os passos, os cabelos desgrenhados feito um cachorro que secou no tranco e, de balde, feirantes gritam anunciando a madureira do abacate. Em volta das tabernas os bêbados dormiam — pois o céu do dia vendiam sem estrelas. E parou, de súbito, com sua “caneta Bilac”, na estrada da vida, ou melhor, na calçada. Baixou urgente papéis ao assoalho e às paredes, mas o vento levou a folha — mal colocada embaixo do tijolo — e tão rapidamente correu o espírito — juntado ao braço — e espalhou-se até o meio da Rua do Caminho Extremo, mas por sobre um muro sumia o verso livre. Lá se vai a obra-prima do poeta, seu Prêmio Camões, seu Jabuti — Jabota/Jabutx!?! (novos tempos); lá se vai o Nobel, o fardão e o english tea perpétuo. “Pelo menos tentei”, disse triste de se calar dentro e fora. Qual Quintana, tentou, o poeta, a tentativa dos pastos de serem verdes no estio.

JIVAMAMANAJAS.
APR 2023.



LÁ VAI O VERSO

Esquece que é poema
um verso insatisfeito
e sai como fosse gente (de nascença e por direito).

— Lá vai o verso,
que que ele tem?

— Acha que é gente, alma também.

Passa manhoso puxando a gente.

Parece homem, mas só que sente.

— Olha que anda descadeirado.

— Ou bamboleia fosse um quadrado?

— Do pé de jambo ele saiu.

— Ou foi do mato, pegando abiu?

Cheira que entra pelos pulmões!
Sinto à garganta os beliscões.

— E é só um livro, e mudo.

— É só um verso,
e é tudo.

Pois já sofreu que só
quando nem era papel, era quina-de-cipó
(o sentimento do mundo
sumido no mato fundo).

— E é só um livro, e mudo; é só um verso,
e tudo.

QUANDO VOLTAS?

Não insisto em ninharias,
a bobagem escrita dói na luz;
quando não passas por mim, pauso o poema.
Cri cri cri
Tantas palavras sem pavio à tua espera!
Cri cri cri
Ouço o barulho do soro na veia.
Cri cri cri
Quando voltas?
Pensarei teus pés a te levar pra trás por tantas vezes quanto
insista o pensamento.

Cri cri cri
Vem! bato as latas, ouves?
Estou quase deixando os vizinhos em choque.
E este maldito grilo que não cala?
Cri cri cri

Carrego o que te escrevo a toda parte;
as músicas, se te soubessem, dariam mudas;
e o infinito, fundo e bordas.
Cri cri cri
Grilo maldito!
CRI CRI CRI
Farei no meu poema barricadas,
não haverá grilo algum por testemunha.

Cri cri cri

Te imagino e teu vestido rindo,

pinto-o mal porque não sinto o peso.

Também não sinto a curva, a anca, o bamboleio porque não
vens.

Cri cri cri

Olha as folhas crescendo em tamanho!

Cri cri cri

Dos deveres da espinha, o melhor é te esperar;
os cabelos já quase tocam os olhos.

Cri cri

Até os grilos já vão perdendo a voz,
mas tenho fé nos santos mais secretos,
e por isso te espero; e por isso e por tudo.

Cri

Troco o peso de perna e de missal.

As aves marinhas sentam-se aos canos dos faróis e os lírios,
em soluço, mancham em formas tímidas o jardim.

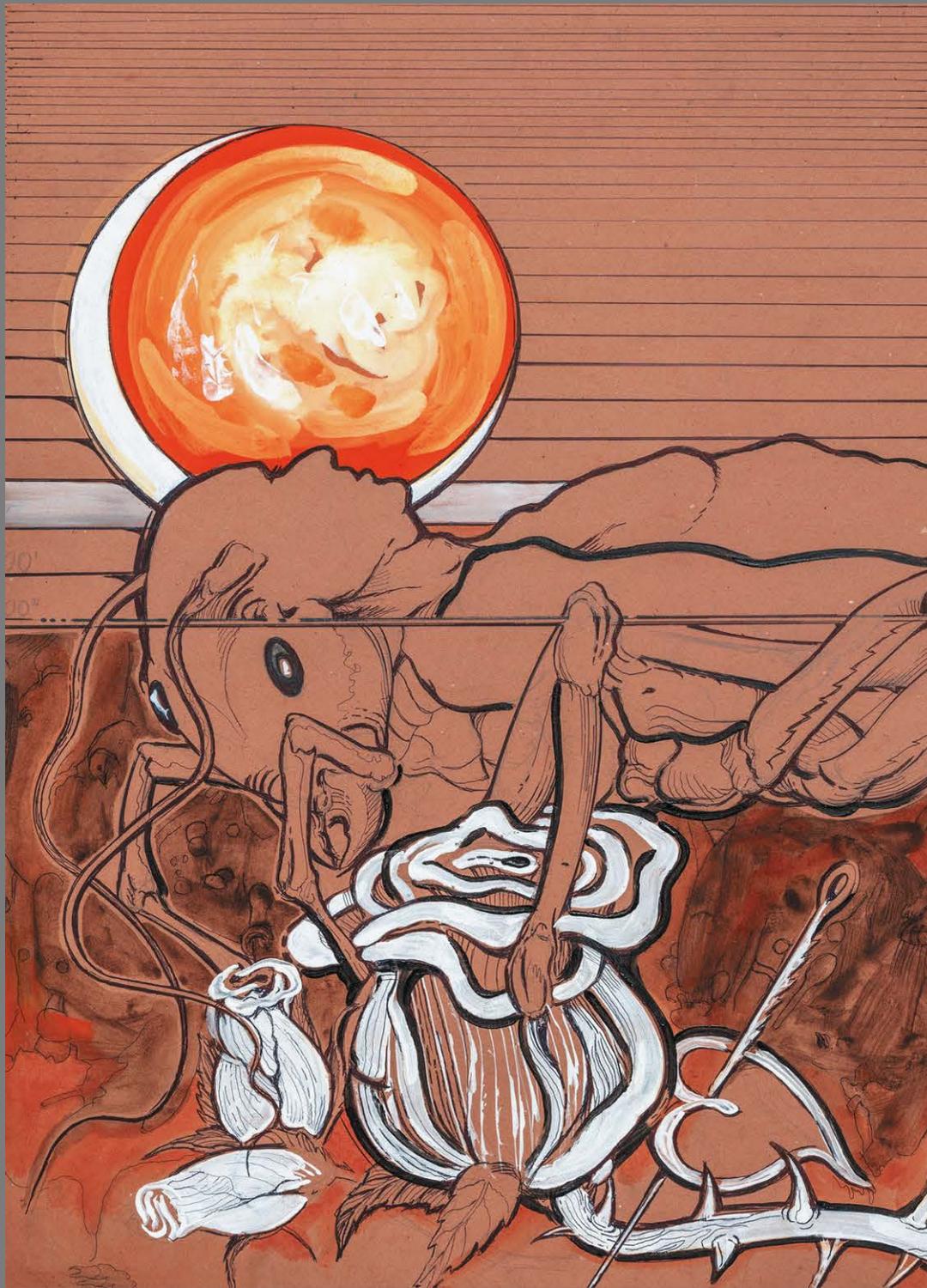
Mas as minhas mãos ainda dão ao roseiral.

Agora até os grilos dormem;

só não os gondoleiros, os vaga-lumes e os bichos de pé.

E eu te espero.

E ainda sou feliz.





HERIVELTO 23
AMAZONIA-AP



Marlene
Cartoon 23

O POEMA MAL-AGRADECIDO (PORQUE QUEM ESCOLHE O TÍTULO AINDA É O POETA)

Sê arrependido, verso ingrato! fiz-te com o colo da alma, pus-te um coração de viver-jovem e tu vens dizer que à arte eu só me perco? Diminua teus motores quando vieres a mim, nem de teu verso eu gosto! Fi-lo por força de uma metonímia suburbana que conheci no Bar da Vinte. Por que não somes? Na lua de Mercúrio há mais do sol! Vá! sem ti serei sempre o mesmo; sem mim serás um arrabalde sem geografia, faca de ponta escangalhada a ponta. Mira! És um poema acontecendo sobre o povo; graças a mim todos estão a ler-te! Como vens me pedir que eu encontre um costume diverso?

Arremessem-me aos sertões que serei chuva; não haverá coisa alguma que eu não possa! Onde já se viu! à arte eu só me perco? EU TE INVENTO SATÉLITES! energúmeno!

Mas tudo bem, aceito. Afasto-me da arte para entrar pra história, serei contista.

Perceba, leitor, que não desmereço um conto, este poema não vale o que escrevo.



SILVIA MARIA
2023

UM DIA AINDA FUJO

Cá estou a procurar a lua da janela;
por mais que um verso ou outro ouse um desencontro, vê-la
cobrir o campo sempre à mesma hora me faz considerar-me um
homem culto,
desses que sempre estão à rua dos cafés.

Quem dera fosse eu um pássaro de bando!
Mas involuntário é o curso de escrever:

havemos de perceber nas formas abstratas um desvio às árvores
e coisas assim que traçamos cumprir do alto da loucura
(imaginação).

Há quem pense e faça apontamentos ao sentido agradável de
meramente existir —

Quem dera! Nós, poetas, temos por parentesco a eletricidade.

Um dia ainda fujo,
tornar-me-ei um ser antigo que apedreja a lua e se contenta à
arte do arremesso.

VUCO-VUCO

O poeta para em frente ao balcão do mercadinho.
Abre um pano.

São duzentas reticências
ameaçando os tímidos
com seus poemas de amor.

“Pago um roseiral por cento de tristezas”.

E começa a aglomeração.
Começa o empurra-empurra, o vuco-vuco.
Há gente inconformada nas filas mal-arrumadas.
Mas os guardas sussurram,
como se quisessem sorrir,
e entram na fila
pedindo uma rima com farda e encomendando grades para uso
próprio.

E continua o empurra-empurra, o vuco-vuco.

De repente o estalo.

Acode!

Há gente assustada,
mas os guardas sussurram. Acode!
O poeta caiu.
Pegaram o casaco do poeta.
As botinas, as meias, rasgam a camisa do poeta.
“Quem sabe na gola haja um soneto”, falou Senhor
Gepeto;
“Na manga, uma sextilha”, gritou Dona Marília;
“Na braguilha da calça eu vi um verso livre”, disse,
corando, a pudica Judite.

E o poeta se levanta com dificuldade, recolhe o pano
vazio e sai sorrindo do mercado.

“Na próxima eu lasco ao verso um cadeado”.





100%



Adm

FURTEI UM VERSO DE DRUMMOND

Furtei um verso de Drummond.
Não resisti, peguei pra mim.
Logo eu, poeta honesto, de tracejo breve,
e agora de repente o cômodo vizinho passou na minha janela;
e a mão procura espaço à tirolesa
e olha ao longe o silo imaginado.
Que lindo!
Furtei e não me arrependo:
o riso não sabe do malfeito nem das miudezas de Itabira.
Furtei um verso de Drummond,
e agora meu verso é tão bonito!
Feito a roupa que ganha cor no cesto dos palhaços.

CONSELHOS A UM POEMA JUVENIL

Em primeiro lugar passe fugindo, as folhas, dos versos comuns;

a boa poesia é moeda sem pátria.

Leia muito. Todos os grandes;
recolha a voz dos pássaros.

No início, seus versos não serão de todo espontâneos, não espere do mar um continente
ou de um continente duas primaveras,
pelo menos no começo.

[Leia com cuidado os versos a seguir, não foi bem isso que eu quis dizer]

Ri do amor, largue o amor no tanque;
o absinto ao piano é decepcionante.
Dê prioridade às formas,
busque ruídos iguais de porta em porta, estude pra ser rima,

leve um rol à mão:
metonímias, assonâncias, aliterações... pelo menos no começo.

E ouça música.

Uma outra coisa:
tenha a Pedra de Drummond de guia,

siga tentando tirá-la do caminho,
 com um esforço que lhe custe um vintém e meio,
 contra um muro,
 contra um raio.

Se removê-la, passe para a estrofe seguinte.

Caso não consiga, você pode ser dono de uma pequena editora.

Importante:

não se ajeite a elogios,
invente quem te acuse.

Caso contrário, se repousa em solo imundo não o saberia.

Cresça sem arranco os tornozelos, escreva à cerca andante calmamente, e, se gritar, grite a favor do vento.

Do verso que caminha antes de crescer, duvide. Também duvide de um poeta sem tinta no avental: todo verso é sujo atrás da folha. Duvide de um verso muito cintilante, tende a ser dos olhos preferidos: “Lucy in the sky with diamonds”, a claridade é como entorpecente. Prefira especiarias.

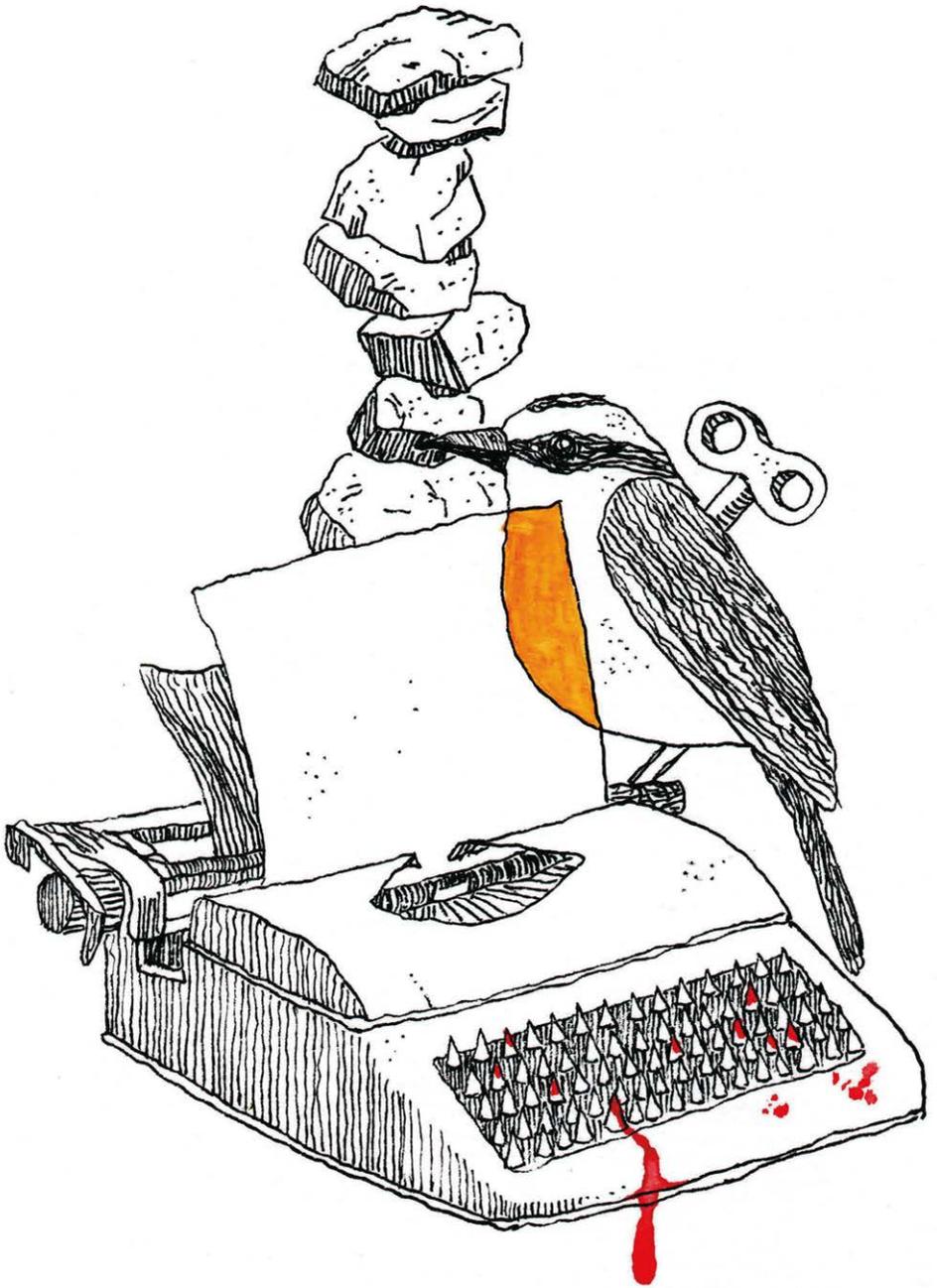
Evite a confusão dos fios de alta-tensão; deixe as simplicidades dizerem as coisas. Leva a intimidade solta e o andado do verso desconforme, porque de salto-agulha e de verso conciso e acabado a poesia é sempre doadora.

De resto, segure as pontas e as ancas, aceite as bagatelas, olhe o leitor no rosto e encontre o atalho pro gosto: bota dendê se o verso é pra Bahia, açai quando é ao Grão-Pará ou patacones *si vas a Bogotá*.

E, no fim de tudo isso, se um digital influencer de meia dúzia de palavras de amor, que faz da timidez um golpe publicitário, vender mais livros que você,

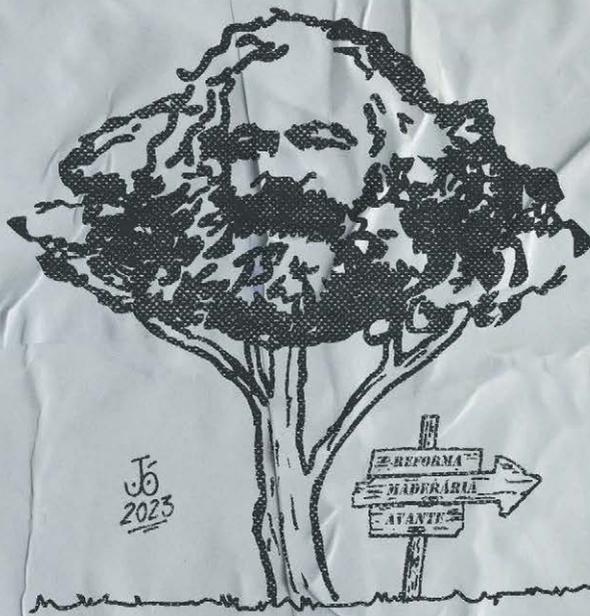
paciência,

A culpa é das estrelas hehehehehehehehe



IGUALDADE

ENTRE I-MÓVEIS



★ LUTAR SEM (T)RÉGUA ★

A REFORMA MADERÁRIA

Roto e gasto, o Toco conversa com o Tamborete.

De ouvido uma Cadeira senta e não balança.

De fina madeira e pregos de ouro o Trono escuta de travessa.

O Sofá, da sala, espicha o olho.

“Lá vem o Toco reclamar, falar de socialismo, de Reforma Maderária”, diz a Espreguiçadeira saindo de toalha da piscina.

“Acredito que todos têm direito ao acabamento mínimo”, comenta o Divã, forrado de camurça, seda e caxemira, tomando o chá das cinco, deitado no escritório.

“O Bolsa Acabamento está deixando esse povo mal-acostumado”, diz irritado o Banco de Macacaúba.

“Pau-Brasil querendo verniz de primeira? Que respeite o artigo quinto da Constituição: ‘Todos são iguais perante as Madeiras de Lei’”, disse, corando, imponente, a Mesinha de peroba rosa.

E o Toco, cabisbaixo, volta à casa de ripa, tira a farpa do nariz, pega o livro de Karl Marx do calço da Cadeira Manca e dorme sonhando com aguarrás no óleo de peroba e cheiro de alfazema pra Amazônia inteira.



JERIBEL
1982

SONETO AO SABOR DA QUINTA

Se ficas envergonhada
tens na cara uma rosa,
e serás o meu botão,
sem rima eu escrevo soja.

E penso como te atalho,
teu rumo comigo eu trago,
és amor, o meu cigarro,
da guimba maior que o talo.

Do azeite à quinta o sabor
teu sal na água fervida
é doce no escorredor;

baía que baixa à porta,
tintas um rio carmim
ao fluxo da minha aorta.



A DESVAIRADA

Sem gritar o verso nada prova; há de ser desvairada a poesia.

E dizer os assombros,
as sensações de fome.

Em rompimento aos romeiros, levar rifles.

Fingir doçura aos dedos do inimigo,
e por sobre o gemido este pigarro:

RAM-RAM

Caso contrário o poema há de pousar muito abaixo do nível das estantes, ou em fundo de mata entre quatis, e as tolices balançando às ancas, e longos joelhos nas pernas curtas, quatis!



A LUA DE DIA

Já era noite, brilhava o dia, vem tu e grita: olha pra lua! — Chegava e ria.
Tu nunca viste tão lindo o dia! olha pra lua! — Chegava e ria.
Não vai dar tempo! corre! espia! Olha pra lua! E eu escorava e escrevia um metro e meio e descaía.
Olha pra lua, cabra da peste! Tu nunca viste tão lindo o dia! Olha pra lua! — Chegava e ria.
Já era noite, brilhava o dia — Derrama a pia! — Que mané pia! Olha pra lua, fi de cutia! Olha pra lua! — Chegava e ria.



Do sétimo Nas sou desenhista TA
DUVALE 2025

POEMA À BANANEIRA

Esticada no cume,
a bananeira reclama do Arcadismo:
bucólica também sou!,
vês minha tez?;

as paineiras tu vês!
até o pintassilgo a voz!
Que me note ao menos um soneto extraviado,
caído do Monte Parnaso,

com bananeiras fechando o terceto final;
“Gran finale!” Árcade-Parnaso!
Há de haver um poema em que reinassem bananeiras;

todas divinas!,
como eu.
Nem que fosse à meia-luz.



O QUE TANTO ASSUNTAVA O POETA?

O que tanto assuntava o poeta?

Gasto nas cadeiras, à vida de soldado de artifício que ao menor ruído fugia de meia, levando a cadeira. A poesia, o que lhe importa?

Pousar como os pássaros no pé das coisas,
que lhe importa?

— A poesia é mentira dita em cartório.

O que lhe preocupa é a promessa
e as vasilhas em cima do criado.



UM FINGIDOR QUALQUER

Como bom poeta, dependendo do tempo varia o que minto.
Quando tosco sou doce,
porque os olhos são da cor dos lábios e roxeiam quando é frio o sentimento, mentira.

Finjo um poema pois um poeta vê e ouve a vida e a ergue qual fosse o que visse.

Quem dera um poema ser à hora da tarde crer em quem mais ama, mas há o vento em desfavor das folhas e por isso finjo.

Finjo como as beatas um desejo proibido pendido às marcas do joelho, ou os beatos.

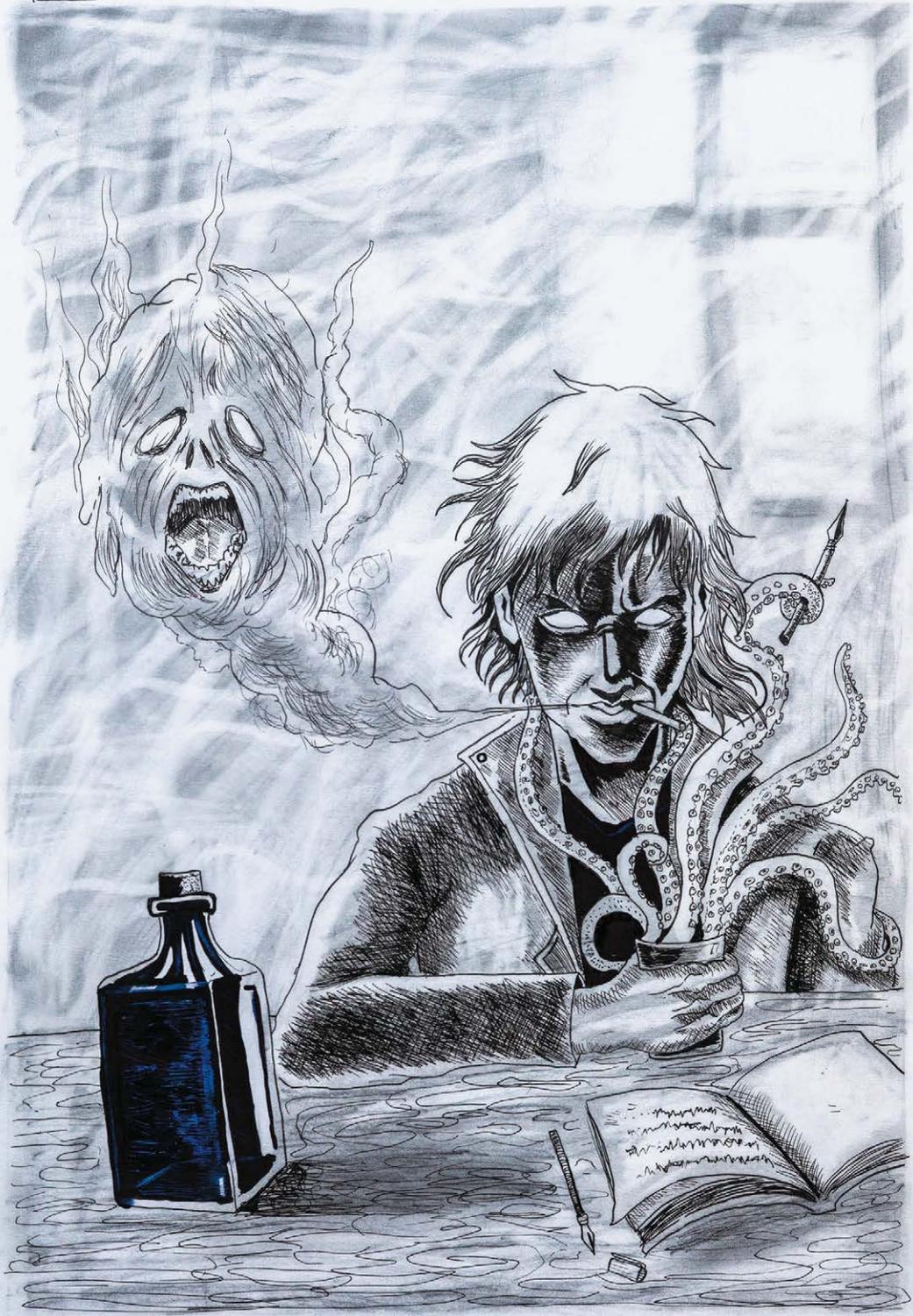
Finjo, minto, viro o rosto.

Estalada a ripa não há mais que o chão, mas finjo até com os pés.

Uma rosa é minha aldeia e por isso finjo com a imaginação, como fosse alegre se dormia o pensamento.

Finjo o poema por mera usança de o fingir e alongo o fingimento e busco outro florando, fingimento moço, e assim, quando eu não mais puder, um fingidor qualquer põe-se a fingir de mim

YAN AMARAL'S
12023



DA INSPIRAÇÃO

Um pouco mais e pego a rua; me fugiu por um triz.
Ousei pisar antes à página um minuto, e ela fugiu,
inclinada ao barranco, a nordeste do verso.
Fugiu, certeza que fugiu, vi o esforço das botas na folhagem.
Espero o seu retorno, bebendo meu conhaque,
separando as conversas nos caixotes
à folha de um soneto de amor, qualquer que fosse:

até no sonho dos covardes
há um resto do pulso sob as unhas.

Fugiu, certeza que fugiu.

— Me traga outra garrafa!



자이브

EU SEI DIZER POEMA O DIA TODO

Eu sei dizer poema o dia todo,
feito o grilo tagarela,
sem arreios, fios ou freios.

As veias vão à frente dando num pequeno lago (ideia natal do poeta)
onde as raízes davam nó, o sertão poça e as flores casca,
e onde os beirais desfiam e abre uma curva em que se escoa um
sangue cor-de-rosa à margem, como plumas, meu instrumento
mais usual do dia



POEMA AFILADO

Arregalado em volta, resmungo o editor:

“Carece de rasgo o verso do poeta”.

E o poeta, com a sua indumentária de poeta,
conta, reconta e faz confusão contando e nada apronta:

“Como me custa um sentimento!”

E pensou, em pontas de pé,

com toda sua bravura de poeta, o poeta:

“Nada rasgo, só afino”.

E como quem faz um bordado invisível,

Afinou tanto o soneto,

que a perna derradeira do terceto

ficou como o campesino

quando estufa a gleba

pra caber um pasto, cinco filhos e dois parentes de bigode no retrato.



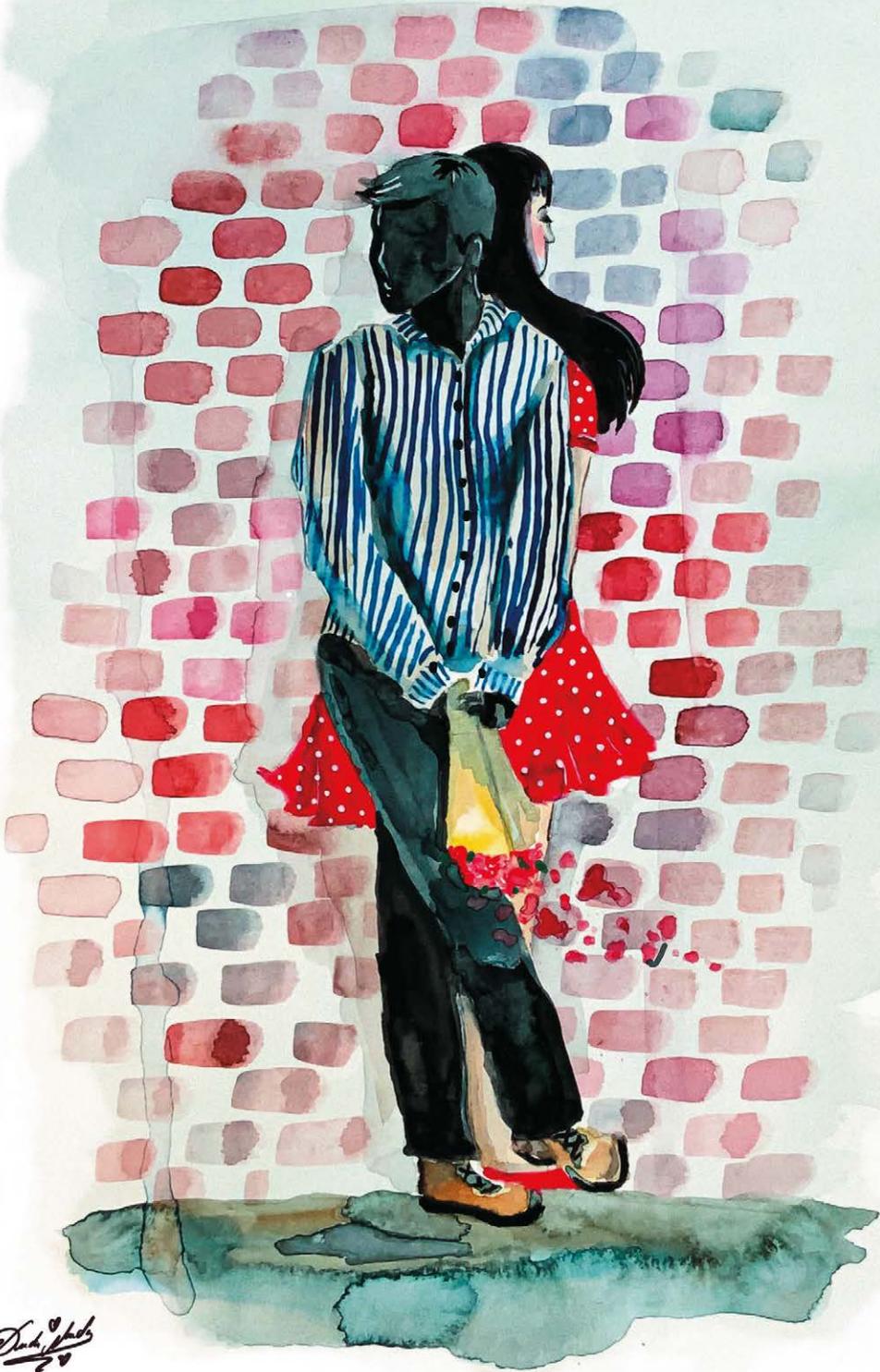
POEMA XENÓFOBO

Desmaia uma rosa
entre mil margaridas,
quem grita? quem corre? “Acode a fedida!”.
Desmaia a margô entre mil rosas rijas,
“Acode a coitada com cor de lombriga!”.



POEMA ARBÓREO

Meu passado baldio
desemboca aos quintais
toda vez que me lembro com
um remorso tremendo
de não ter trepado mais.



Dina J. Hob
20

O TÍMIDO

Passei há pouco ao pé do beco (e de você); você estava em casa, senti o perfume. Deixei de pedir licença pra contar fosse o que fosse, o perfume que tivesse, a beleza ou a baixeza que viesse ou que partisse, eu quero, eu vou, eu volto, eu passo alto, imenso, eu quero, eu conto. Viesse a carestia e ainda assim eu vinha: deixei de pedir licença pra contar fosse o que fosse. Eu vou e conto. Tipo a vontade que eu tenho de te namorar, nem vou pedir licença pra contar, eu vou e falo, eu digo. Digo! Mas depois de amanhã. Hoje não; eu quero e eu vou, eu volto e digo, eu falo, mas depois de amanhã, depois de amanhã eu digo, depois de amanhã.



SEM QUESTIONAMENTOS!

Na ponta primeira do poema existe um grandessíssimo problema: como se explicar o resto que faltou do chão ao passo?

Prefiro que ele descubra naturalmente, por si, e não pelo que escrevo dele porque o que eu digo nasce do que eu penso e por ora não tenho nada a pensar sobre o que faltou do chão ao passo; só ousou questionar, sem estorvo algum, pois uso o passo e amo o chão que piso e o que faltou só não amo ainda por ser amor que ainda vai nascer, mas se nascer também o amo. Por agora, o que tenho é dúvida e calo pois um poema não carece de questionamentos senão não seria poema e sim filosofia.

Mas digo, sem questionar, repito, apenas dizendo como diz o mundo as coisas: se fosse o poema um soneto, o resto que faltou do chão ao passo seria um salto separando as quadras e os tercetos, por óbvio.

Sendo o poema um verso livre, acho eu que o pedaço que faltou do chão ao passo seria só o escuro, bastaria o amanhecer para que os versos voltassem a ser livres e belos — disse belos também pois não vislumbro feiura alguma à liberdade.

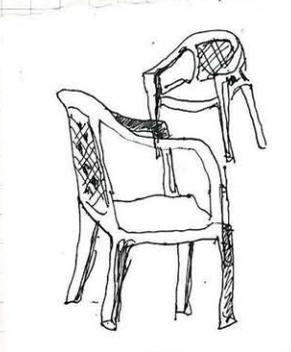
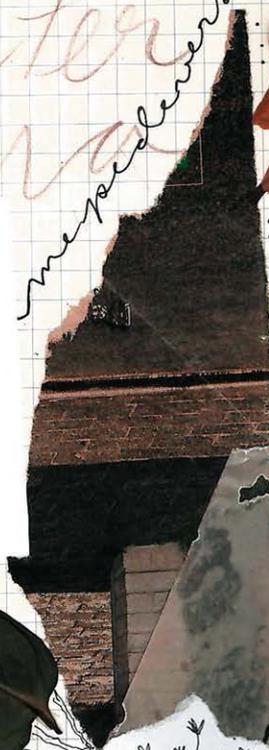
À prosa poética não ousou supor, pois temo a resposta ser com circunstâncias e pormenores tantos que adentre a noite e eu não posso perder a hora de acordar. Mas se fosse supor, sem supor, pois refuto a réplica, daria numa janela o resto que faltou do chão ao passo. De uma janela se vê e se escreve o mundo.

Mas a bem da verdade, fosse o que fosse o verso, se se faltar o chão ao passo, aceite com serenidade. Nem sempre a rima é uma solução, mas, se for,

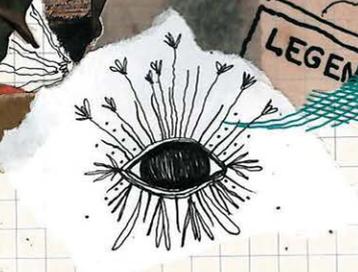
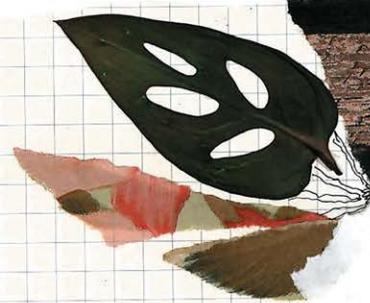
vai ser *gauche* na vida!

em terra
guerra
heite
mura

em terra guerra guerra guerra



pr
pura
falta
de assunto



DOIS DEDOS DE PROSA

Me pede versos em ternura que eu não sei,
e um poema tão triste de comover os vizinhos.
Me manda capinar o quarto de dormir,
regar no meloeiro os ramos da mangueira.
Me impõe raspar o barro do pasto, o cheiro do sapato.
Pergunta o lado da ladeira que desce o fumo de rolo.
Por pura falta de assunto.



20230515094 RonaLopomy 2023

O HOMEM JUSTO

Não há nada mais incômodo do que um homem justo.
O que é nas suas horas vagas um homem justo senão um homem justo?
Coitado, cansado, pisado no meio, mas cumpriu sua palavra, o homem justo.
Até em prece é justo o homem justo.
Estava alegre ou triste o homem justo? pouco importa.
Não foge ao remorso, pois humano, certa vez enganou-se também o homem justo;
sem querer, pôs um zero a mais no 100, que virou 1000.
“JOGA PEDRA NA GENI!”
“JOGA BOSTA NA GENI!”
Não há ausência mais celebrada que a do homem justo.
“BARRABÁS! BARRABÁS!”
“Sê malandro é ter vivência! dê jeitinho! dê jeitinho! Tu sabes com quem estás falando?”. Gritavam ao homem justo.
Coitado, cansado, pisado no meio, mas cumpriu seu papel, o homem justo.
“JOGA PEDRA NA GENI!”
“JOGA BOSTA NA GENI!”
A justiça estava feita.
Não há ausência mais celebrada que a do homem justo.



TROPEÇAVA TÃO BEM A POESIA

Tropeçava tão bem a poesia.
E que lindas marcas das olheiras!
Era azul royal o céu sem passarinho
e tão salubre a água de goteira!

“A alegria pronta chegou tarde ou tu dormias?”.
— Não me aperreie: um tomo por vez!
O pensamento é feito sementeira,
mas tem dia ele fala latim em português.

“Ha Ha Ha”.
— Sem se mover do lugar fica o vigia;
há um alqueire de terra no meu sonho!

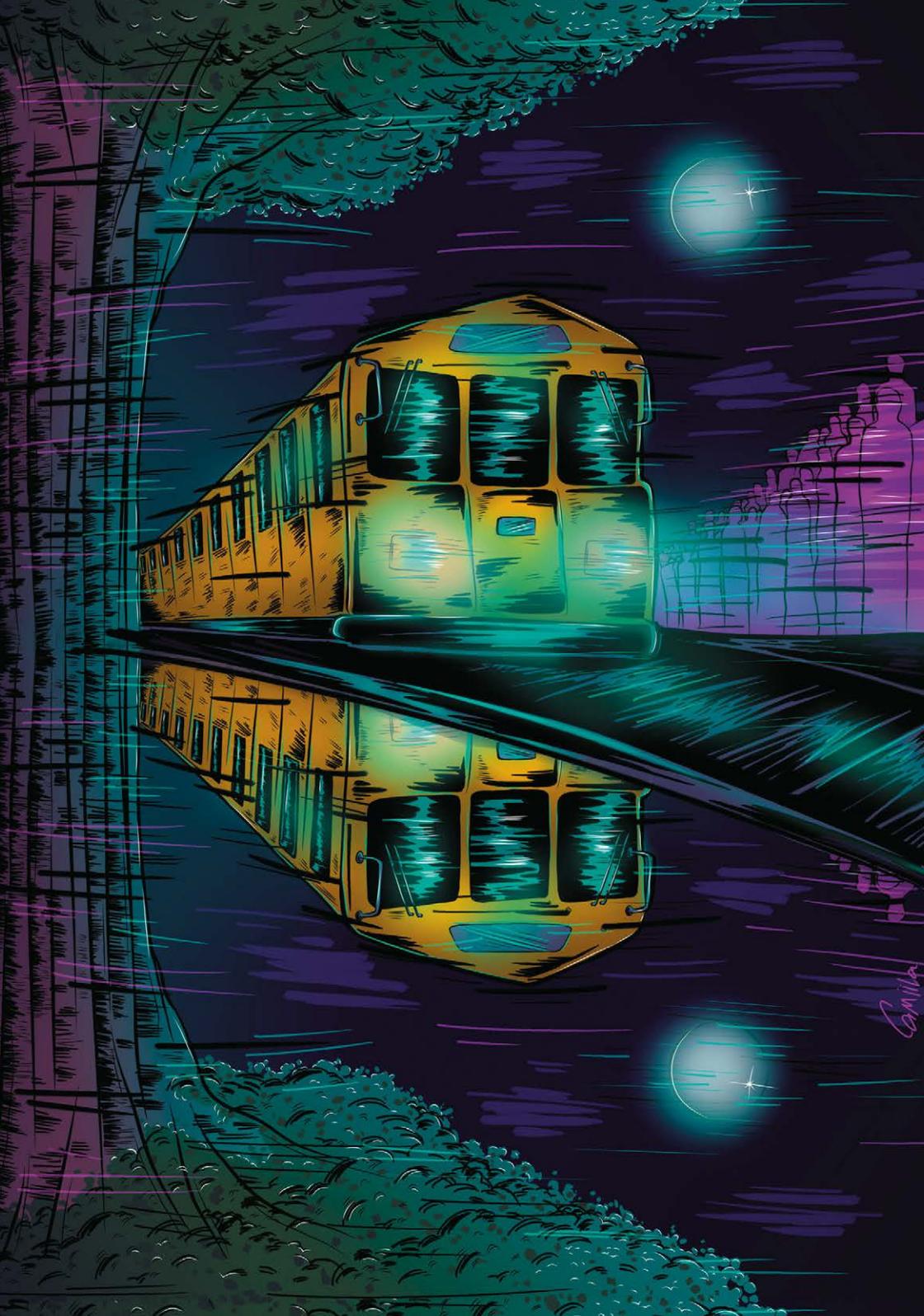
Não desperdiço a garupa
nem a água corrente ou a alegria.
Há um alqueire de terra no meu sonho!

Um alqueire de terra no meu sonho!



DESINSPIRAÇÃO

Parda vida, pardo tempo.
O artigo, indefinido, dorme, e eu aqui,
de bengala à meia página.
A atalaia não me olha, é tarde,
e nada a vida sem o acaso-químico da poesia.



Camilla

POEMA IGUAL

O poeta, enterrado o osso, não encontra.

As casas são iguais
no breu da noite;

os poemas são iguais
no tronco do eucalipto.

À poda, o pé de pinho afina, lhe cai a franja, fica igual o outro
pinho, pouco verde, mofino, sente como que quebra um galho a
vida. “Mas cresce logo, Pinho!”, diz otimista o Poste de Alumínio.

O leitor que não sabemos,
e se encontra em visita ao nosso gorro,
é feito o fundo do mar.

Os trens de ferro são iguais
olhados dos postais.

Os quartos ofertados à hora de partir, iguais.

Me contam igual as lâmpadas.

Tudo é tão igual.

Quem é que sabe o vento principal?



Campis

É RARO O DIA DE TER VERSOS

Hoje eu fiz uns versos, e tão longos (tem um pra lá dos calendários),
raro o dia de ter versos:
como se o recreio fosse mês a mês.

Quem sou eu pra dizer, mas digo.
Pois se dito dos outros contar, as botinas são todas iguais;
e os meus versos escolho a dedo de pé e sapatilhas.

Hoje, no preparo da chuva,
a nuvem não faz esforço.
Os contos do vigário
forram de trocados a escada da igreja.
E eu fiz versos, ouçam!
Há de haver maiores assobios?

PARTE 2

Almae Poemius Floriata

depois de Depois vá ver o Mar
e dele logar o sagrado,
eis o novo grado; o segredo
que trará o Torto Agrado.

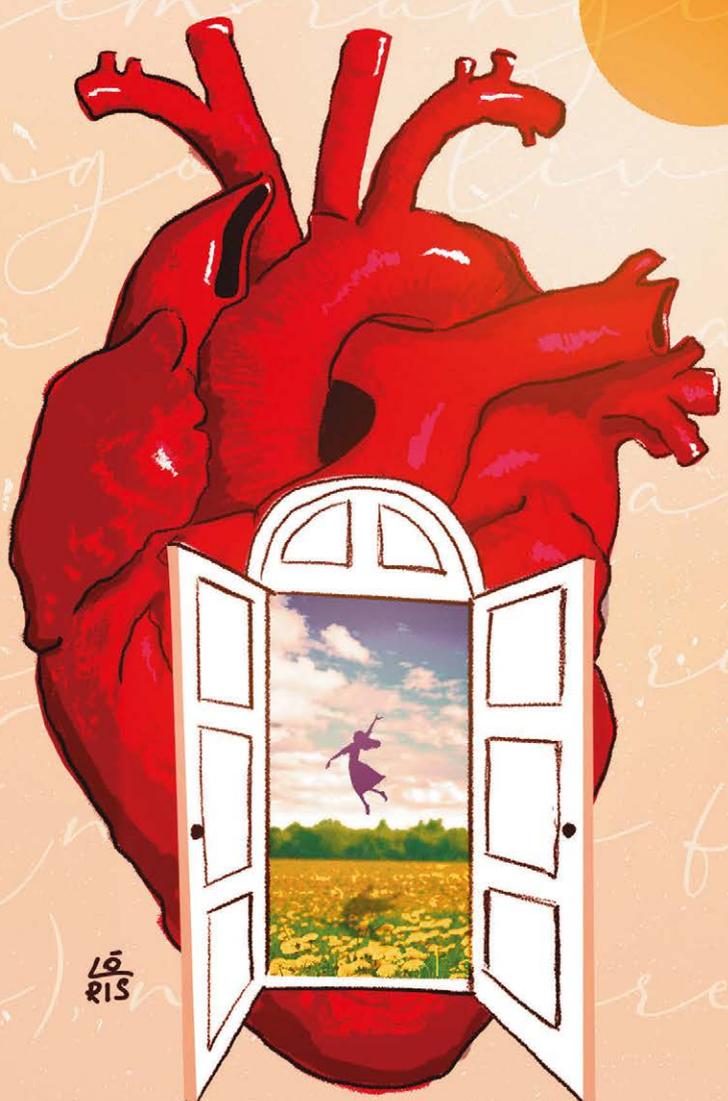
(Joãozinho Gomes)

Obedecendo à portaria 034 do
Ministério da Cultura, que diz que 30%
de todo livro de poemas têm que ser de
poesia séria, sem galhofas ou ironias.
Estes poemas a seguir são sérios.

São sérios mesmo!

Tem até uns de amor!

e do meu quart
é sempre ran
unigo o curso
ada
ha
e p
En
ris)
osse um campo
assim entra de



LÔ
RIS

CONVITE

Vem!

Não carece bater palmas aqui em casa e em toda parte minha.

— Na cidade do meu quarto, inclusive.

A porta é sem rangido e sem resmungo o livro que quiseres.

É reforçada e se reparte e se assemelha ao riso a casa toda e não acaba nunca de passar a rua e abençoa e traz um doce.

Entra, eu faço gosto (à tarde um tanto mais), não carece bater palmas, entra, pensa fosse um campo e não houvesse o chão, e ainda assim, entra, deixa viver, coitado, o coração.

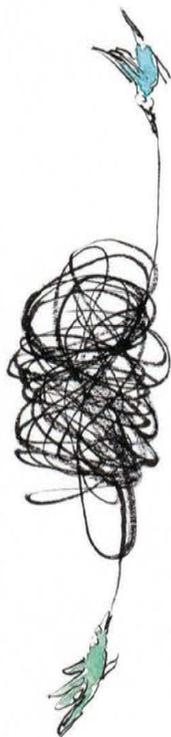


WILU
CRUZ
24/08/23

AS COISAS DE UM POETA

As coisas de um poeta acreditam nele,
pois são por ele forma definida:
um poema é um ser ornamental, reparem!
Também a sensibilidade que há nos outros:
o poeta vive pedindo emprestada a sombra dos amigos.
O exagero ele há de mover ao encontro das flores,
como um café partilha o cheiro,
e o abismo, o céu.
Um pensamento dado ao campo supõe os verdes que faltem; as
manhãs imaginam um galo a sabê-las,
pois assim foi a criação do mundo;
o que é a noite senão a luz que já não tem o dia?
Faz o teu caminho passeando um sonho com um desvio perto;

eu deixarei versos,
pois tão somente à cata de um poema existo,
e um coração repousa igual no peito a todo mundo.



Barbara Demers

LEMBRANÇA

Sentir-me tomado
com o corpo suado
a me contorcer

Me faz ter cuidado
de ser do seu lado
bem mais que prazer.

Ainda perdido
me entrego ao perigo
de não te esquecer

Lembrando que a vida
por mais que sofrida
me trouxe você.

Baixo-Relevo, Bruno Muniz:

★ É sempre o chão de alguém que tomo nota no poema, penso ser eu vagamente interessante aos outros.

Me gosto em baixo-relevo. Quem dera a natureza fosse a razão por que escrevo; um besouro azul é mais que todas as almas,

mas se invento borboleta ela está aos encontros com flores para que

Invento arredores onde eu não esteja e se se arriscam num salto encontrar-me invento logo um girassol vermelho - a natureza não nos dá o invento, mas a razão de inventá-lo.



Bem que alguém podia mesmo ter dito isso e me alertado e alertado todos os poetas e todos os poetas alertariam todos os poetas que iriam nascer que em socorro alertariam as

verdes para não existirem.

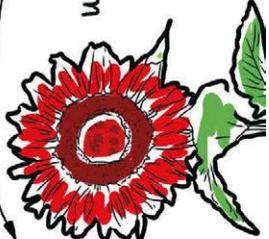


o vento e se penso a chuva ela logo descobre não nascessem e os olhos

poeta! Não se mexe na luz que não existe ainda! já dizia o... Como é difícil a vida de um os telhados.



Não me mexo à imaginação, penso criar heterônimos, num repente de um salto arrancar a alma e dá-la ao primeiro de mim que me aparecer mas acho muito difícil inventar nomes, queria ser eu mesmo um heterônimo: Bruno Caero Reis de Campos.



BAIXO-RELEVO

É sempre o chão de alguém que tomo nota no poema, penso ser eu vagamente interessante aos outros. Invento arredores onde eu não esteja e se se arriscam num salto encontrar-me invento logo um girassol vermelho — a natureza não nos dá o invento, mas a razão de inventá-lo.

Não me mexo à imaginação, penso criar heterônimos, num repente de um salto arrancar a alma e dá-la ao primeiro de mim que me aparecer, mas acho muito difícil inventar nomes, queria ser eu mesmo um heterônimo: Bruno Caeiro Reis de Campos.

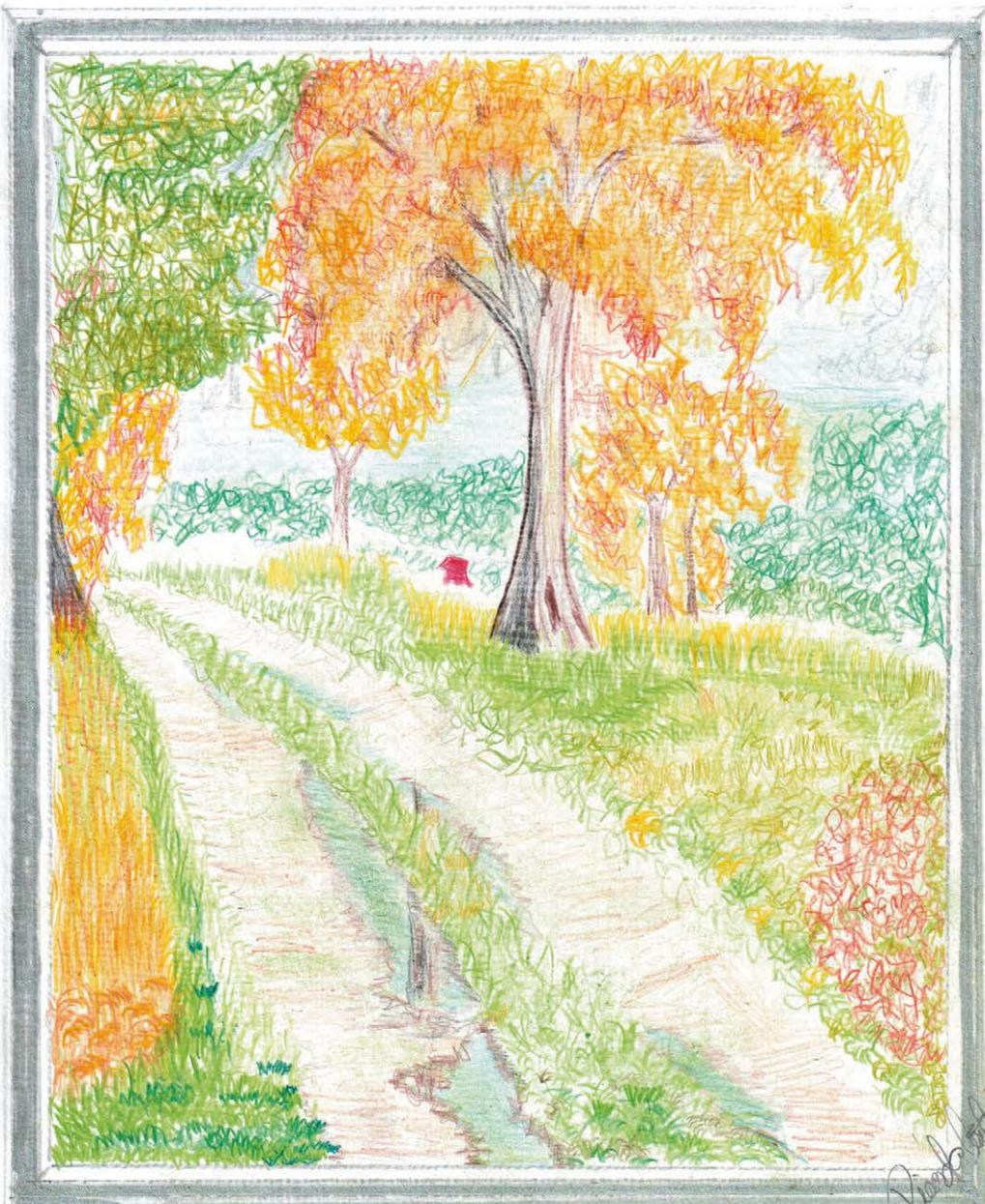
Gosto-me em baixo-relevo. Quem dera a natureza fosse a razão por que escrevo; um besouro azul é mais que todas as almas; mas se invento a borboleta ela está aos encontrões com o vento e se penso a chuva ela logo descobre os telhados. Como é difícil a vida de um poeta! Não se mexe na luz que não existe ainda! já dizia o... Bem que alguém podia mesmo ter dito isso e me alertado e alertado todos os poetas e todos os poetas alertariam todos os poetas que iriam nascer que em socorro alertariam as flores para que não nascessem e os olhos verdes para não existirem.



DA LEVEZA

Ao movimento das plantas, o pensamento é leve,
também leve no tamanho a ave;
e o sol há de cobrir a terra sem esforço algum;
e os poetas as coisas escritas;
e os cães as farejadas.

As folhas são leves porque lhes couberam;
as palavras são porque respiram;
e eu porque sonho; e o sonho é meu modo de crer, então sou
porque creio,
e o campo porque amanhece e mais nada.



Handwritten signature

DA ALEGRIA DO POETA

Um poema triste
pendurava num prego
uma viga erguida por vinte homens.

Sem movimento o galho, os animais, o tacho da doceira.
E a chuva caindo no vestido seco no varal.

Mas havia um poema de amor, tranquilo, preso à fenda,
de onde vinha um som baixinho do porão,
e era como se fugisse do cativoiro a minha canção favorita.



MUDANÇA

Por se deixarem apanhar por cima das cabeças
como se crescidos mais três palmos,
os pensamentos, sem uso, já não cabem.

Nem os passos:

vivo e não planejo mais que uma janela.

Ainda há pouco vi correndo à relva a camponesa e cheirou a rosa
e sem saber compôs a poesia e ela não tem nome.

E toda gente me serve.

E a todo verde crio folhas de outros verdes;

uma muda mais diversa que faz percussão com o caule.

E todo vento me vale um peso imenso.

E todo peso eu torno bailarino até se não há vento.



EPIFANIA

Bastava um verso teu e acendiam mais claras as papoulas;
como se sem suporte os olhos flutuassem;
uma anarquia perfeitamente quieta como a raiz das folhas soltas.
E ia a brisa, turquesa, como se num baile fosse;
e a delicadeza do verso pinçada do silêncio feito o pó dos campos
— caídos como se cosessem rosas finas às cravinas.

Mas eis que bruscamente tu te retorces como se os sentidos
fossem ao verso a sua última sílaba, e me arremessas à testa o
alaúde:
a mágica utilidade abstrata das coisas.

UM FINGIDOR DE ROSAS

Na poesia é a linha de chorar que encanta,
por isso me fio numa declaração de amor que fiz às suas pegadas
no dia em que partiste,
quando só me restou a dobra dos sinos e a água na calha.
Sento e minha sombra na parede azul não fala,
será que nem mais sou além da tinta: um verso triste e só.
E pensar que ainda ontem da janela da cozinha eu escrevia ao calor
agradecendo o vento
e na base do telhado o calcanhar pousava distraído;
a alegria a ter comigo ia — como o corvo aos umbrais.
Acontece que partiste...
E um verso dado a sofrer porque partiste não é mais verso que o
verso a esperar que tu voltasses ou o verso a negar a tua partida
— em vão, porque partiste.
E dos restantes dos risos farei versos,
e se não houver restado, invento um jeito de andar tivesse eu a
alegria — por que diabos sou poeta, oras!

Mas, ainda assim, partiste.

A rua que diga o dia; hoje não abro a janela — nem pra olhar as raparigas! como tu dizias a mim de tardezinha e eu ria de ti pois te sabia.

Por que partiste e a natureza existe?

E a marca de batom deixada na caneca?

E eu? ainda existo, dois ombros me bastam — as rosas as são ainda que não nasçam rosas; mas se a vida

é curta e mal a tenho...

Torno a levantar o horizonte e arrastá-lo ao sol (por que partiste?) e deixo à poesia triste um pôr do sol de agrado. Um poema é sempre um jardim, mesmo que não houvesse; e o poeta, um fingidor de rosas.







A LUZ QUE ESPANTA

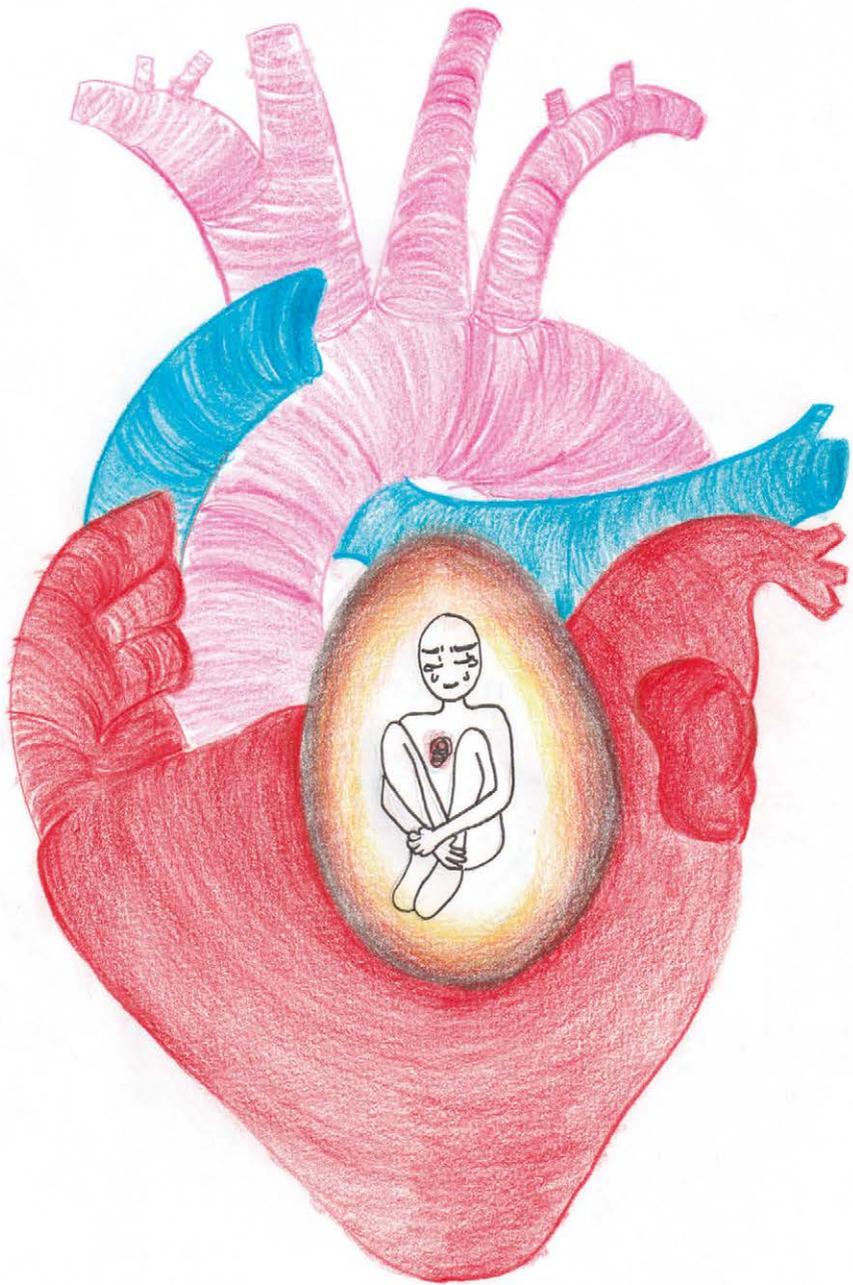
A iluminação da estrada escureceu o céu de espanto.
Logo o céu do mundo!
Que lhe importa uma estrada?
E ela ficou lisonjeira,
deu festa segunda-feira.
Mas ela não sabe
que o espanto do céu
era um pedaço, uma beira,
onde há um canteiro vermelho que ficava na rabeira
e umas rosas onde o orvalho caía brilhavam sobremaneira.



Talia Malen.

EM CAIXA ALTA

Em caixa alta,
longe d'onde há almas e sem passos a rua calma,
uno o lábio meu à primavera
e pergunto até que o eco se desmanche:
que quereis de mim?



Duda Cristo
14. 08 . 2023

ME BASTA UM LUGAR PEQUENO

Me basta um lugar pequeno,
talvez a chorar,
dentro de mim,
em que se pisa de tardinha
por entre as planícies à graça que se esconde,
quem sabe desmaiada
ou se arrastando
pra onde o amor madura aos montes.



Amalho3

O RASTRO DENTRO DE MIM

Dentro de mim há um rastro, há um rastro dentro de mim, que nunca vi, nem podia, tampouco me poderia tal rastro olhar pra mim. Ora, se pode! Podia? um rastro que eu nunca via e nutrir por si nostalgia, e ele, um reles rastro (rastrilho!), que nunca viu-me e desfia por mim sentir simpatia? Faltou-me pouco e o via, indícios nele eu vivia, o rastro dentro de mim que eu nunca vi mas sentia, e tampouco ele podia pois de novo se escondia, o rastro, dentro de mim. Por que raio eu nutriria por si tamanha alegria? Só de pensá-lo e eu ria mas logo me fantasia um medo de não voltar o rastro dentro de mim que eu nunca vi nem podia mas tanto que lhe sentia, amava e lhe bendizia — Oh, rastro dentro de mim! Tentei de astrologia a plumas de especiaria mas bem no fim me perdia e quase que me varria o rastro dentro de mim — seria só poesia? quase uma Tabacaria? o rastro dentro de mim — que eu nunca vi nem podia, tampouco me poderia tal rastro olhar pra mim.



DE POETA PRA POETA

Sorria.

Se nem vinhas, passa;

ou feito nas novelas ou à tua maneira.

Anda ao caos de ser feliz, na condição de réu.

Pensa um gosto bom, de deixar bambo o pé e o poste aceso na
escritura.

E voa, itinerante, ao tamanho das coisas que escreves,
pois o que é da gente mais além da linha?



W. M. C.

ALMAE POEMIUS FLORIATA

As mãos não têm alma? Um poema é alma feita; o risco no papel como que ergue a asa, só que diferente. Um diferente próprio. Esqueça o verso gêmeo, o poema é coisa incerta de buscar; como que busca o ouro — só que diferente! ou quando ao vento no canteiro as flores curvam formando um arco entrelaçando as cores como que surgindo uma nova espécie à natureza e eu a batizo de *Almae Poemius Floriata*.



Don't be
NANA
2008/03

CONFESSO QUE VIVI

Seguro o poema com o antebraço como duas cervejas a terceira; a poesia está sempre comigo como um muro de arrimo, e, por conta dela, se eu não vir luz alguma, pobre é o horizonte.

Além do fundo é onde sinto; e, ao menor movimento de uma estrela, como esmolas ainda por pedir, escrevo uma constelação... ou um poema.

Por que tanta alma, pensamento? Quem dera escrever fosse um simples engraçar querelas, mas por que tanta alma? eu penso ser como o que vivo e logo penso ser também como o que sinto — estrangeiro de terra e consciência —, e aqui, sem desforra alguma ou represália, a três mil quilômetros do Chile, confesso, ao mesmo solo, que vivi.

PRECISO IR

Logo atrás da porta será dia, o som fará volume às coisas e eu terei de ir além do espírito. Queria eu sentar-me apenas às janelas dos jardins.

As cercas não seriam cercas se vadiassem o pensamento às flores; eu penso deixado a alma e ainda sou eu.

Escutem! vozes!

Alguns sons me parecem ser do poema seguinte.

(Há um intervalo em que me devo inteiro e a isso eu chamo inspiração; a todas as outras coisas que penso não me apego tanto).

As coisas não escolhem ser das cores que lhes fazem nem as pessoas escolhem ter as vozes que lhes são; outro pensar seria desarumar o universo.

Sê tua voz e feliz como a cerca cerca as flores ou as grades se divertem com os planos de fuga!

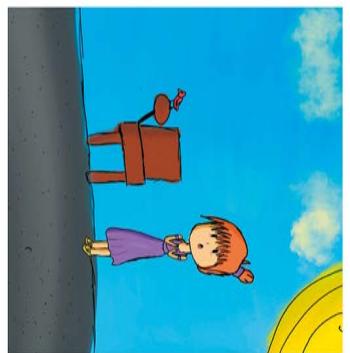
Já é dia,
preciso ir;
parece existir entre mim e a realidade um formigueiro. Por que
não sei apenas da janela as flores? Mas conto em mim existir
firme ao corpo,
como haveria de ser a rua dos caminhões.

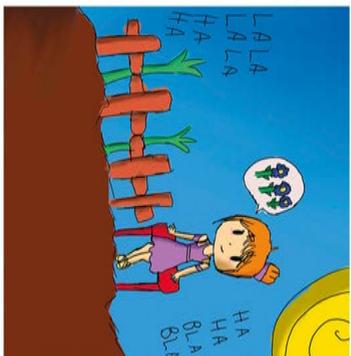
Já é dia,
mal dormi.

O cansaço é um grito abstrato,
ninguém há de me ouvir,
a não ser que...

AHHHHHHHHHHHHHHHHH!!!

Desculpem,
preciso ir.





SENADO FEDERAL

Mesa
Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco
PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo
1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha
2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho
1º SECRETÁRIO

Senador Weverton
2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues
3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim
4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrielli
Senadora Ivete da Silveira
Senador Dr. Hiran
Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues
PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque
VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini
Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flavia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont de
Miranda

